

1

Um quarto numa casa de cômodos. Uma cama feita de caixotes, coberta com uma colcha de retalhos; uma mesa de pinho; três cadeiras velhas; um armário quebrado, onde se guarda tudo quanto existe para ser guardado, o que aliás não é muito. Como moradores, uma mulher, lavadeira de roupa, e um menino de doze anos.

— Sabes, filho, que hoje enquanto andavas entregando roupa recebi uma carta?

— Sim, mamãe, de quem?

— De uma pessoa que chegou de fora e tem muita vontade de conhecer-te.

— E quem é?

— É uma pessoa muito boa, que te quer muito bem e que manda te perguntar se queres morar em sua companhia.

— E virias também comigo?

— Não, meu filho; lá não haveria lugar para mim.

— E quem é essa pessoa que pensa em separar-me de ti?

— É teu pai, meu filho. Ele deseja reparar o que fêz contigo, abandonando-te durante tantos anos; quer levar-te para a casa dêle, pôr-te num bom colégio, enfim fazer ~~com~~ ~~WVWV~~ por ti tudo quanto puder — e êle pode bastante, graças a Deus, pois está em muito boa situação.

— E pensaste que eu quereria isso, mamãe? Pensaste que seria possível vivermos um sem o outro?

— Sentirei imenso tua falta, filhinho; mas prefiro isso, sabendo que te estás instruindo, a ver-te pela rua carregando trouxas de roupa na cabeça.

— Pois podes dizer a meu pai que não te deixo, não quero a casa dêle, nem o dinheiro dêle; nem mesmo quero vê-lo, pois não acredito num amor de pai que leva doze anos para manifestar-se. Quero a minha mãezinha, as trouxas de roupa que carrego, os magros jantares que comemos juntos, as economias incríveis que fazemos para não deixar de pagar o aluguel do quarto. Quero tudo isso e teu afeto, mamãe.

— Mas, meu filho, lá terás boas roupas, cinemas, passeios, tudo que te falta aqui.

— Aqui não me falta coisa alguma. Desde que te tenho, isso me basta; e meu pai, se viveu todo êsse tempo sem mim, pode muito bem continuar sem a minha presença a seu lado. E podes ficar sabendo, mamãe, que é essa minha resolução firme: ficarei contigo; quando crescer trabalharei para dar-te o conforto que mereces por teres feito tantos sacrifícios por mim. Considero-te a ti como minha família inteira — tu és a minha mãe e o meu pai. Fora de ti, não tenho parentes. Só te quero a ti e qualquer pessoa que tentar afastar-me de teu lado nada obterá.

Um luxuoso palacete. Um quarto de criança lindamente mobiliado. Tapêtes em profusão. Luxo por tôda parte. Aí moram um senhor e um menino de doze anos.

— Papai, preciso falar contigo.

— Que queres, meu filho? Sabes que não sou capaz de negar-te coisa alguma. Podes pedir.

— Papai, prometes não ficar zangado comigo?

— Por certo; já me viste zangar contigo?

— É que... papai, porque me disseste que mamãe tinha morrido?

— Já te proibi falares nesse assunto, meu filho.

— Desculpa-me, mas preciso falar. Tive hoje notícias de minha mãe.

— Que dizes? Como foi isso? Fala.

— Recebi uma carta sua; ela sente-se doente, sòzinha, sem recursos; e quer ver-me.

— Mas não lhe vais responder, não é, meu filho?

— Realmente, não vou responder; vou vê-la pessoalmente.

— Não permitirei isso, podes estar certo.

— Não me podes proibir de ver minha mãe.

— Nem lhe devias dar êsse nome. Já que é preciso vou contar-te tudo: tua mãe deixou-nos quando tinhas apenas dois anos, para correr atrás de uma pessoa que conhecera havia pouco; não hesitou em abandonar-me sabendo todo o afeto que lhe tinha; e, muito mais culpável ainda, não hesitou em deixar-te, estando tu de cama, com febre; Passamos o dia chorando; tu a chamá-la incessantemente, desejando seus carinhos; eu, desesperado com a destruição de meu lar, de minha vida. Nunca mais tive notícias dela; soube apenas que deixara a cidade. E não te procurou durante todo êsse tempo. Tenho procurado substituí-la tanto quanto posso. Bem vês que estou o mais possível contigo; que faço tudo por ti; e que em ti resumo tôda a minha felicidade.

— Papei, quero-te muito, muito, mas preciso ver mamãe; talvez ela esteja passando necessidades.

— Não pensou ela em ti, na tua infância sem carinhos maternos, nos teus dias de doença entregue a pessoas estranhas.

— Mas eu sei que ela me quer bem; se me deixou foi porque precisou fazê-lo. Mas tenho a certeza de que sempre pensou em mim.

— Peço-te que não a vejas, filho; ela é uma criatura má, sem coração, sem sentimento do dever.

— Mas apesar de tudo é minha mãe e eu a adoro. Nada me impedirá de ir à sua procura, ajudá-la, fazer-lhe companhia, matar o desejo de afeto que me consome há dez anos. Perdoa-me, papai; tu és o melhor dos pais e também te quero imensamente. Nunca te poderei pagar tudo quanto me tens dado de amor e carinho. Mas não me peças para não ver minha mãezinha. Tôdas as noites antes de dormir tenho pedido a Deus, com o maior fervor, que me conceda a graça de encontrar a minha mamãe; pois qualquer cousa dentro de mim dizia que ela estava viva. E êle me atendeu. E sinto-me tão feliz com isso que nãam podes imaginar. Faltava-me ~~XXXXXXXX~~ algo na vida; agora que tenho mamãe já tenho tudo.

— Pois fica sabendo que, se procurares essa mulher indigna, não serás mais meu filho. Tens que escolher entre mim e ela.

— Então, papai, adeus. Sabes que te quero muito, que me custa imenso deixar-te. Sentirei muitas saudades tuas; mas acima de tudo para mim está minha mãe. Adeus. Até quando me perdoares.

Para o sr. fazer o obsequio
de ler e dizer sinceramente
se devo continuar ou desistir